

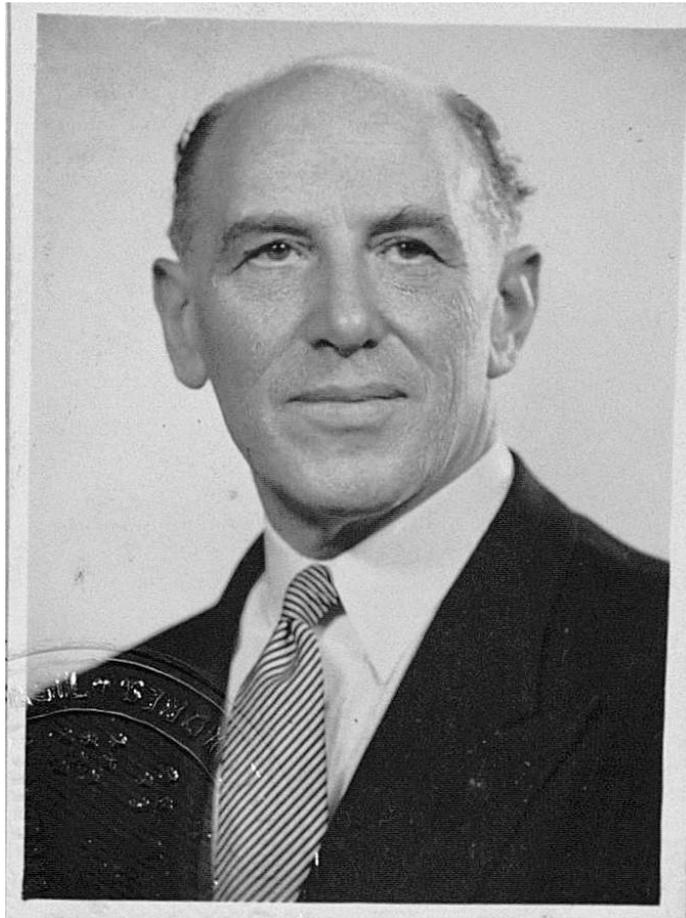
Paulo Valadares

O misterioso Romy Fink, personagem de “Bodenlos”

O refugiado checo Vilém Flusser (1920-1991) chegou ao Brasil no navio britânico *Highland Patriot* em 21 de agosto de 1940, vindo de Londres e ficou no país até 1973. O navio que lhe trouxe seria afundado pelo submarino alemão U-38, próximo a Glasgow, pouco mais de um mês depois. Flusser descendia da população judaica solidamente assentada na região de Praga há muitas gerações, basta examinar os seus avós: *Flusser*, de Rakovnik; *Pollak*, de Krasovice; *Basch*, de Karlin Karolinenthal e *Kornfeld*, de Vysocina. Terra que deixou em consequência da barbárie nazista, que lhe assassinou a avó (Olga), o pai (Gustav), a mãe (Mellita) e a irmã (Ludovika), parte da lista dos oitenta mil judeus locais que foram assassinados pelo homicida já nominado. Foi seu irmão de navio, o economista praguense Alexandre Kafka (1907-2007), e que tornou-se mais tarde representante do Brasil no FMI. Quando eles desembarcaram no Rio de Janeiro, Flusser foi para o Hotel Luxor e Kafka para o luxuoso Glória. A distante cidade de onde vieram os dois refugiados era entendida no Brasil à época como fonte de mistério: “[...] à noite, os rabinos, com as barbas sujas, / iluminam os cemitérios de Praga [...]” (Dantas Mota 1988: 136) Eco da daninha literatura antisemita czarista, que transformara o misticismo judaico em conspiração política¹.

No Brasil ele inseriu-se na *upper class* paulistana no grupo onde predominavam os judeus ilustrados. Lecionou Filosofia em três renomadas instituições de ensino, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e na Faculdade Politécnica da Universidade de S. Paulo, apesar de não possuir titulação acadêmica. Buscou reconstruir aqui a tradição dos salões literários europeus recebendo em sua casa escritores, pintores e seus alunos com o objetivo de influenciar e também ser influenciada pelos frequentadores. No começo dos anos 70 mudou-se para a França, onde redigiu a autobiografia *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, publicada *post-mortem* na Alemanha em 1992 e depois no Brasil em 2007.

¹Os versos citado pertence ao poeta mineiro Dantas Mota, com motivação diversas a fonte de inspiração. Praga no imaginário brasileiro foi o misterioso cenário onde os estranhos personagens de F. Kafka atuaram; e, locus do Cemitério Judaico, ponto de encontro dos chefes das tribus de Israel, mitema difundido pela literatura antisemita, desde o romance *Biarritz* (1868), de autoria de H. O. F. Goedsche (1815-1878), dito “sir John Retcliffe”, aos *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (1903).



Romy Fink (Arquivo nacional)

Vilém Flusser fez parte de um grupo de intelectuais judeus que optaram, ou só conseguiram se refugiar no Brasil, protegendo-se da matança nazista. Alguns destes intelectuais conseguiram inserir-se na vida cultural brasileira, provocando uma renovação, agindo fundamentalmente na imprensa, já que a docência na universidade fora negada a maior parte deles. O ensaísta austríaco Otto Maria Carpeaux (1900-1978), que entrou no Brasil numa cota de “christlichen Nichtarier” (cristãos não-arianos) admitidos no país (Milgram 1994: 12); o tradutor alemão Herbert Caro (1906-1991), o tradutor húngaro Paulo Rónai (1907-1992), o ensaísta alemão Anatol Rosenfeld (1912-1973), foram alguns destes intelectuais, vistos muitas vezes como “heróis civilizadores”. Eles abriram uma brecha na cultura latino-católica, hegemônica no país a época, através de artigos na imprensa brasileira sobre autores e livros desconhecidos entre nós, e também pelas traduções destes livros.

A “autobiografia filosófica” de Vilém Flusser registrou a sua permanência no país e como ele percebeu esta troca de mundos. Ela é estruturada em quatro seções, e numa delas

nomeada “diálogo”, fixou a biografia de onze personagens radicados no Brasil com quem manteve interlocução mais profunda. O elenco é formado por gente letrada, bem-sucedida economicamente e alguns deles reconhecíveis numa história cultural do país. Apenas quatro deles nasceram no exterior e chegaram adultos no país, resultado dos conflitos na Europa. São eles: o praguense Alexandre Bloch, o engenheiro Milton Vargas, o filósofo Vicente Ferreira da Silva, o pintor Samson Flexor, o diplomata e escritor Guimarães Rosa, o poeta Haroldo de Campos, a poeta e tradutora Dora Ferreira da Silva (*née* Ribeiro), o advogado e “quatrocentão” José Bueno², o *marchand* Romy Fink, o jurista Miguel Reale e a artista plástica Mira Schendel. Foi a sua estratégia para refletir sobre a literatura, filosofia, artes e política que encontrou no país. O personagem escolhido para dialogar com o Judaísmo, parentela etnocultural da qual provinha e da qual também sentia-se desligado, é Romy Fink (1912-1972): “[...] *judeu inglês de muitas habilidades (cabalista, coreógrafo e especialista em Shakespeare, por exemplo) que chegou a S. Paulo nos anos 50 cercado de mistério (inclusive sobre a sua idade)*” (Flusser 2007: 169).

Há outros judeus entre os onze perfis literários contidos no livro. São estes personagens: a artista plástica Mira Schendel (filha de pai judeu-checo, Karl Leo Dub), o checo Alexandre Bloch, casado com a pintora Niobé Xandó, e o pintor bessarábio Samson Flexor, este, convertido ao Catolicismo, mas, Flusser, escolheu Romy Fink e fez um retrato fascinante do personagem e “didático” para quem não conhece a essência do Judaísmo, nas páginas 169 a 175. Nada é aleatório nesta construção biográfica. Os capítulos são numerados e o que coube a Romy Fink, o místico judeu, é o 18 – número que para ser escrito em hebraico é com duas letras: *chet* (08) e *yod* (10), conjunto que também forma a palavra “*chai*”, vida. Número tido pelos judeus do Leste Europeu como uma espécie de amuleto, dezena usada fartamente no cotidiano, nas doações, nas aplicações financeiras e até nas placas de automóveis, perceptíveis nos estacionamento próximos as entidades israelitas da cidade. Em 2004, na inauguração de um banco paulista pertencente o banqueiro judeu, durante algum tempo ele pagou juros acima do mercado somente para harmonizar-se com o

²Quatrocentão, membro da elite fundiária e política paulista, formada por descendentes dos povoadores portugueses e espanhóis, católicos romanos, presentes na povoação desta região, desde o século XVI. O termo foi cunhado em 1954 no aniversário da cidade S. Paulo. Os genearcas destas linhagens foram registrados pelo genealogista Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777), atualizados por Luís Gonzaga da Silva Leme (1852-1919). O genealogista Marcelo Meira Amaral Bogaciovas, oriundo do grupo pelo costado materno, tem uma dissertação de mestrado sobre cristãos-novos que são parte do grupo: *Tribulação do Povo de Israel na S. Paulo Colonial*, dissertação de mestrado defendida na FFLCH-USP (2006). O “quatrocentão” nomeado por Flusser, o advogado José Bueno de Aguiar (1918-2001), de família proprietária em Itatiba, descende do sevilhano Bartolomeu Bueno que chegou a S. Paulo em 1571.

costume nascido na gematria hebraica e atrair a clientela desejada: “*taxa de 18,18% ao ano para o prazo de 18 meses*” (ANÚNCIO: A5).

No *Bodenlos* só há evidências biográficas do personagem Romy Fink. São poucos os dados concretos. Não se diz idade ou filiação, por exemplo. Este vazio historiográfico estimulou a curiosidade: quem é mesmo Romy Fink? Não adiantou procurá-lo em dicionários biográficos, memórias publicadas, a WEB, pois neles não há se encontram informações. Restou-me procurá-lo nas “fichas consulares” de entrada de estrangeiros custodiadas no Arquivo Nacional (RJ), nas *matseivot* (lápides fúnebres) do Cemitério Israelita do Butantã em S. Paulo. Agradeço a Alain Bigio, que frequentou o “Terraço”; a Elaine Eiger, a Guilherme Faigenboim, ao professor Nachman Falbel, e ao artista plástico Gregory Alan David Fink, filho do biografado; por contribuições ao trabalho.



Vilém Flusser 1940 (Arquivo nacional)

Lech Lecha (Vá)³...

Na “autobiografia filosófica”, Vilém Flusser discutiu os temas que lhe eram próximos. Para o Judaísmo ele trouxe alguém que lhe parecer representar a sua parentela etnocultural, personagem que estava profundamente envolvido com esta vertente religiosa e no caso particular, imerso no esoterismo judaico, algo que a ele, era algo misterioso. Flusser considerava-se um judeu “assimilado”, e em S. Paulo avaliava os judeus locais como “primitivos”, pois acreditava que eles não dialogavam com a cultura clássica ocidental, pois estariam isolados voluntariamente num gueto ou bairro étnico (o Bom Retiro), falavam o ídiche entre si e tinham como locais de sociabilidades apenas as sinagogas, entidades de auxílio mútuo e o cemitério comunal. Na sua visão eles não estavam inserido no cotidiano brasileiro. Apesar disto, ele trabalhava na empresa familiar, a IRB – Industria Radioeletronica do Brasil Ltda, estabelecida na rua dos Italianos nº 292, no Bom Retiro, já mencionado como o bairro dos judeus.

Os judeus que Vilém Flusser encontrou em S. Paulo provinham de imigrações distintas. No começo dos anos 40 quando ele chegou a cidade, nela viviam 17.219 judeus, numa população de 1.326.216 habitantes (Mendes 2003: 9-38). É bom lembrar que o Brasil foi construído dentro dos limites da Contra-Reforma e até 1808 estava proibida a entrada de judeus no país. Houve uma quebra desta interdição com a invasão holandesa no seu enclave nordestino a partir de Recife. Esta proibição não impediu a presença dos cristãos-novos ibéricos convertidos a força no século XV, tanto que dois paulistanos, Teotônio da Costa Mesquita (1660-1686) e Miguel de Mendonça Valladolid (1696-1731) foram queimados vivos na metrópole lusitana por judaizantes, neste período de intolerância. Nestas várias camadas que se compunham o *ishuv* (comunidade judaica), a primeira delas foi a dos franceses, quase todos alsacianos, que em função da Guerra Franco Prussiana e da demanda de artigos de luxo por uma classe recém-enriquecida pelo café, vieram para o país. Como eles não tinham interesse em fixar-se a terra, não construíram nenhuma instituição e desapareceram na população geral. A eles, seguiram-se nas primeiras décadas do século XX,

³Título da *parasha* (porção de leitura) (Gênesis: 12:1), lida por um membro da congregação nos serviços religiosos na terceira semana depois do Ano Novo judaico. É a narração da saída do genearca *Avraham Avinu* (Abraão Nosso Pai) de sua terra natal para alcançar o mundo, o mito fundador da etnia: “*Vayomer Adonai el-Abram lech lecha me’artsecha umimoladetecha umibeit avicha el-ba’aretz asher ar’eka/Deus disse a Abrão: vai longe de sua terra, de sua terra natal, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei?*”..

imigrantes do Império Russo (*Bessarabers*, *Litvaks* e pooneses) e em menor número, do Império Otomano (Izmir, Istambul, Sfat, Sidon, Salonica, etc.).

O contingente maior dos imigrantes era originário das *schtleitach* (aldeias) rurais de Securon, Ataki, Iedenitz e Britchon na Bessarabia. São eles que constroem as sociedades para uma vida comunitária. Como são originários do mundo rural, estão preocupados em manter a sobrevivência econômica e até a ascensão social, poucos tem tempo pra cultivar uma cultura de contemplação e reflexão, só possível numa carreira universitária, que não havia, ou como diletantismo entre herdeiros. São comerciantes e pequenos industriais, e seus filhos, médicos, e em menor quantidade, bem menor, engenheiros e advogados. A parentela mais rica na cidade, onde estão desde o século XIX, é a *litvak* Klabin – e culta, onde se encontram Jenny Klabin Segal (1899-1967), tradutora de Goethe; o pintor Lasar Segal (1891-1957) e o arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972). A maioria dos judeus paulistanos são praticantes de uma religião sem exageros, respeitam o ciclo do tempo judaico e obedecem a *Torah*, como em todo mundo. No tempo de Flusser, um “Habsburg Jew”, o líder religioso dos judeus germânicos em S. Paulo, é o rabino Fritz Pinkuss (1905-1994), intelectual que introduziu os “estudos judaicos” (*Wissenschaft Des Judentums*) na Universidade de S. Paulo (USP) em 1946 – a primeira da América Latina a ter uma cadeira desta natureza.

O judeu quintessencial escolhido por Vilém Flusser foi o advogado inglês Romy Fink, casado, intelectual, informações recebidas por Flusser, apesar dele ser um emigrado discreto quanto ao seu passado europeu. Algo que logo adiante, Flusser perceberá que não é mistério, ou algo a esconder de sua vida, mas a sua humildade natural. Ele é fundamentalmente um homem comum, destes que não frequentam as enciclopédias ou dicionários, mas que possuía características comuns a ele. Explica Flusser: “[...] *era ocidental como eu. A mesma arte, a mesma ciência, a mesma filosofia nos unia. Era meu amigo. Era judeu, não obstante [...]*” (FLUSSER: 73).

Ele foi um dos convivas do “Terraço”, salão literário na rua Salvador de Mendonça nº 76, “*uma rua sem saída, travessa da Iguatemi (hoje Faria Lima)*”, segundo o engenheiro e memorialista paulistano Alain Bigio, judeu de origem egípcia, um dos participantes destas reuniões. Flusser prestava mais atenção no seu comportamento, que em sua fala. Como as reuniões aconteciam nas tardes de sábado Fink chegava a pé, para não violar o *shabat* e não tocava na comida, pois ela não era *kasher* (de acordo com as leis dietéticas judaicas). Mas

não fazia alarde disto, desculpando-se frequentemente pelas recusas, oferecendo razões mais neutras e imprecisas. Nas conversas com o anfitrião ele deixou escapar que conhecia profundamente a *Kabbalah* especulativa e prática, como estudioso do *Sefer HaZohar* (Livro do Resplendor). Sabia-se também que participava de círculos de estudos talmúdicos. Tudo isto não lhe fazia um Ser grave. “*Irradiava alegria*” (Flusser 2007: 172); impressão confirmada na sua *matseiva*: “*He brought eternal happiness to all knew him*”. Voltaremos a sua lápide logo adiante.

É sabido que o Judaísmo tem 613 *mitsvot* (regras), divididas entre positivas (*assé*, façás) e negativas (*ló taassé*, não farás); para serem cumpridas integralmente pelo observante em todos os momentos da vida. Nada é gratuito nestes mandamentos, eles são um modo de educar para se interagir com o Transcendente, com o Outro e com a Natureza, na obra do refinamento do mundo. Mas como descobrir a essência disto?

A cortesia de Romy Fink a sua cortesia foi vista inicialmente como “*exagerada*” e “*insinceridade*” por Flusser, e em alguns momentos até como “*humildade do gueto*”. Somente com as observações e conversas posteriores é que ele percebeu que ali estava algo maior, o cerne ético da religião: “[...] *Explicou que para o Talmud há apenas um único pecado irredimível: ofender o próximo. Tudo mais pode ser compensado, e apenas a compensação redime. Mas a ofensa é irredimível porque fere a essência (a “alma”) do outro, e esta irre recuperável. Porque a essência do outro é Ele (louvado seja o Nome). É na essência do outro, e apenas nele, posso vivenciar Ele concretamente [...]*” (Flusser 2007: 174).

É a mesma resposta que *nassi* (príncipe) Hilel (c. 110 EC – 10) deu a alguém que lhe pedira para explicar a essência do Judaísmo, enquanto estivesse sustentado numa só perna: “*não façás aos outros algo que não queiras para ti. O restante é comentário*”. Foi a resposta de Hilel. É a chamada “*Regra de Ouro*”, baseada na *parasha Vayicrá* (Levíticos, 19:18) que atravessou os milênios e chegou a Flusser e a Fink. A medida que se vai estudando o brocado de Hilel, aumenta-se a complexidade da formulação até chegar o respeito sagrado pelo Outro, base da vida humana. O texto de Vilém Flusser sobre Romy Fink e o Judaísmo é denso e seria leviano condensá-lo nestas escassas linhas, mesmo porque o meu propósito é apenas trazer algumas achegas biográficas do personagem focalizado pelo Autor.

O palimpsesto bandeirante

O rabino Reuven Bushbaum, barbudo e culto, nasceu em Bedzin na Polônia em 1826 e morreu em Hamburgo, a 1900. Ele adotou mais tarde o sobrenome Fink, tornando-se assim Reuven Fink, nome que passou aos seus descendentes. O sobrenome Fink é a palavra ídiche para nomear o pássaro tentilhão, e pode ser usado metaforicamente também para indicar uma centelha ou faísca. O seu filho Haim, cujo *kinnuit*⁴ era Joachim, nasceu em 1850 (data aproximada) e casou-se com Elise Breslau. Este Joachim Fink teve três filhos: Solomon (1882-1957), que casou-se com Daisy Grossbaum; Debora, que casou-se com o sefardi Samuel Farro e Moses Aron (Hamburgo, 1883 – Nova York, 1977), que casou-se com Cerlina Feldbrand (Geestemunde, 1889 – Nova York, 1969), filha de Moses Abraham Feldbrand e Johanna Caro – esta Johanna, por seu pai, o rabino Hirsch Zvi Caro (1829-1894), acreditava descender do rabino espanhol Yossef [*ben Efraim*] Caro (Toledo, 1488 – Safed, 1575), cabalista e codificador do Judaísmo doméstico através do livro *Shulchan Aruch* (Mesa Posta). É possível que esta inclinação para o estudo cabalístico tenha continuado dentro da parentela.

O comerciante (na área da lapidação de diamantes) Moses Aron Fink, apelidado *Mush* (Polenta) e a sua esposa Cerlina Feldbrand, durante as suas deambulações por Hamburgo, Bélgica e Inglaterra, tiveram cinco filhos: Romy, Beatrice (1913-1997), casada com Salomon Mayer Stein; Helen (1916-1997), casada por duas vezes, com Mario Becker e Jacob Unterman; Harry (1920-1976), casado com Carrie Bendheim e Sidney (1925-1931), falecido na infância.

O primogênito Romy nasceu em Londres, a 15 de agosto de 1912. Nomeado segundo o costume asquenase, que não usa o prenome de alguém vivo com medo que o Anjo da Morte (*Malach Hamavei*) leve o recém-nascido por engano (os sefaradis agem justamente ao contrário). Romy recebeu o prenome do ancestral mais próximo já falecido, para

⁴ *Kinnui* é o nome autóctone adotado no cotidiano em substituição do hierônimo recebido durante o *brit milah* (circuncisão), no caso masculino, mas, guarda alguma ligação, principalmente fonética, com ele. Não há regra escrita para esta substituição onomástica, porém os mais comuns são: Alberto, por Avraham. Maurício, por Moshe. Marcos, por Mordecai. Elisa, por Léa. Clara, por Haia. Rita, por Sara (de Sarita). Suponho, pois não há esta informação na lápide, que Vilém Flusser se chamasse religiosamente Zeev (ou Volf). A operação é a seguinte: Vilém = Wilhelm (Guilherme) = Volf (lobo) = Zeev. Isto remete ao animal totêmico da tribo de Benjamin contida na “benção de Jacó” (Genesis: 49:27), dando-lhe a continuidade etnoreligiosa. Aonde estiver, o judeu vai ser medido, comparado, relacionado com os personagens bíblicos. Em cada passo do judeu pelos caminhos da *Galut* (diáspora) ele busca reproduzir, até inconsciente, os ancestrais. Reencenando o passado no cotidiano continuamente. A propósito, o prenome de Vilém foi uma homenagem ao avô paterno de sua mãe, um dos bisavôs maternos (Vilém Basch).

homenageá-lo, o do bisavo rabino. Reuven [*ben Moshe Aron*] e um *kinnui* de acordo com a letra inicial do seu *shem hakadosh* (literalmente “nome sagrado”, o nome hebraico usado nas cerimônias judaicas). Em 13 de novembro de 1914, o casal Fink e os três primeiros filhos chegaram a Nova York, no transatlântico *RMS Baltic*, onde se domiciliaram.

Romy Fink só veio ao Brasil muitos anos depois, após a guerra, em 21 de janeiro de 1960, como advogado de uma empresa têxtil de Liverpool, na aeronave PP-CEN e ficou hospedado no City Hotel em Porto Alegre. Em Londres ele residia na 62 Grove Hall Court. Não voltou, pois o motivo imperativo de sua saída tinha sido outro: “(...) *tinha participado de experiências esotéricas, e que foram tais experiências que o levaram a abandonar a Inglaterra* (...)” (Flusser 2007: 171).

O esoterismo judaico manifesta-se através da *Kabbalah*, sem confundi-la com as contrafações contemporâneas desenvolvidas para atender o mercado da fé, cujo livro canônico é o *Sefer HaZohar* (Livro do Resplendor), atribuído a Moshe [*ben Shemtov*] de Leon (1230-1305), místico espanhol, mas, escrito com material recebido pela tradição oral. O arquétipo místico é a *Ma'aseh Merkavah* (Narrativa da Carruagem) quando o profeta Ezequiel meditava no rio Quevar, século VI aEC, junto a exilados judeus em Babilônia e viu na lâmina fluvial, que servia de espelho ao céu, a passagem da carruagem real acompanhada das criaturas celestiais, os palácios, anjos e serafins, até chegar ao Trono divino. É uma forma de aproximar-se o mais próximo da Divindade, fazendo a hermenêutica deste livro, usando outros recursos como a gematria. Os adeptos desta via formam pequenos e discretos círculos, rezam e jejuam, estudam, para alcançar o êxtase religioso.

Além desta indiscrição do passado místico, trouxe também os rumores sobre missões secretas que executara para o governo britânico durante a Guerra, e o concreto como o seu trabalho no teatro, no ballet e na ópera. Trabalhara com o famigerado coreógrafo russo S. P. Diaghilev (1872-1929) na construção de uma teoria do ballet em Montecarlo. Era também um especialista em Verdi e Shakespeare, sobre os quais escrevera na imprensa cultural inglesa, porém o seu interesse ia mais longe, em 1954, escrevera e publicara o livro “*A short introduction to Japanese Art*”. Romy Fink e sua esposa Evelyn (née Feinberg, 1916-2011) lecionaram inglês nos primeiros anos de S. Paulo e depois alcançaram o sucesso econômico com a Galeria Chelsea na encosta da rua Augusta nº 1931, no lado elegante dos Jardins. A educação e a vivência requintada lhe abriram as portas em sua nova pátria.

No Brasil, país em construção, alguém com um leque tão grande de interesses pode manter e atrair uma rede de pessoas interessadas no seu trabalho. Vilém Flusser enumerou muitos destes personagens anônimos numa qualificação peculiar: “*famosos atores de teatro e de cinema*”, psicólogos americanos, aristocratas búlgaros, políticos europeus, banqueiros nacionais e até um “*pintor chinês confuciano retirado em Campinas*” (Será Zhang Daqian, 1899-1983? Não será Mogi das Cruzes?). Todas estas vivências lhe qualificaram para ocupar um espaço importante na sociedade brasileira, que estava vazio (Flusser 2007: 171).

Quanto aos judeus locais: ele não era uma figura diferente dos que viviam no *ishuv*, pois o seu conjunto de crenças herdado familiarmente era o mesmo desta coletividade. Os rituais também eram comuns, como também o interesse pela exegese de textos como o Talmude e o *Sefer HaZohar* (Livro do Resplendor). Nascido numa família onde o principal genearca foi um rabino importante (Yossef Caro), estes textos lhe eram familiares e ele podia colaborar em seu ensino. Sabendo disto formou-se em seu entorno um grupo de estudos. Havia também as ligações de parentesco, pois, ele provinha da mesma base genealógica formada pelos judeus do Leste Europeu. Comparando o seu *abnentafel* (árvore de costado genealógico) com um judeu local é possível encontrar áreas comuns entre eles, não só pelas castas (*Cohanim*⁵, *Leviim*⁶ e Israel), mas também pelas linhas familiares. Como o grau de observância e conhecimento adquirido é algo interior, quase inacessível ao observador distante no tempo, procuramos vestígios para confirmar ou não estas vivências ocultas. Exemplo deste vestígio, é uma das frases que está em sua *matseivá*, pois ele deixou de Ser em 15 de novembro de 1972 e foi sepultado no Cemitério Israelita do Butantã em S. Paulo.

“And Romy walked with God with Purity and Humility”

A epígrafe é a adaptação particular do versículo 24 do livro *Bereshit* (Gênesis), capítulo 5. “Andar com Deus” é viver corretamente, ou seja para o judeu, dentro dos limites

⁵*Cohanim* (sing. *cohen*), descendentes por varonia de sacerdotes que oficiaram no Templo construído pelo rei Salomão. São descendentes diretos de Aarão, irmão de Moisés (*Moshe Rabenu*, M. Nosso Mestre). Obedecem a regras especiais, que vão desde a proibição de casamentos com viúva ou desquitada até a proibição parcial de uma visita a cemitério. Possuem também direitos e deveres exclusivos como abençoar a comunidade (*birchat cohanim*) e o resgate simbólico dos primogênitos (*pidiyon haben*) da casta Israel. São identificados nas lápides cimiteriais com a figura das “mãos espalmadas”.

⁶*Leviim* (sing. *Levy*), descendentes por varonia dos servidores do Templo, ocupados no culto e transporte dos objetos sagrados. Originam-se da tribo do mesmo nome. Na lapide de um levita é gravada a figura de um vaso. Quem não é *cohen*, nem *levy*, é Israel, a massa genealógica judaica.

estabelecidos pela *Torah* (os cinco primeiros livros da Bíblia). Enoque (Chanoch) a quem se refere a frase bíblica, é um personagem que está na raiz do misticismo judaico, notadamente entre os cabalistas que buscam explicações para o seu desaparecimento misterioso, o que lhe caracteriza como uma figura excepcional. A sua influência se estende até a onomástica judaica, usada parcimoniosamente. São poucos os Enoques judeus. Por exemplo, o pai do escritor checo Franz Kafka, o comerciante praguense Hermann Kafka (1852-1931), que está sepultado no Novo Cemitério Judaico de Praga, onde também repousa Vilém Flusser, chamou-se de forma hebraica Hanoch [*ben Yaakov*]. Ele está na quadra 21 e Flusser na 23A. No Brasil, Enoque, também é encontrado em manifestações da cultura cristã-nova disseminada pela região sertaneja⁷, ele é um dos personagens invocados pelo líder messiânico Antônio Conselheiro (1830-1897), em suas pregações. Ele é “usado” por quem sabe quem foi ele.

Os correligionários e familiares de Romy Fink perceberam que ambos tinham semelhanças entre si e construíram a epígrafe como um pentimento. A escolha do versículo é reveladora disto, tanto pelo texto, quanto pelo personagem assumido por Fink, por mostrar que ali não repousa somente o bem-sucedido comerciante paulistano de arte, nem o misterioso personagem literário criado por Flusser, mas o homem que o seu círculo de convivência acreditava ter adentrado em profundos conhecimentos espirituais.

Só para comparação. Na lápide de Vilém Flusser, no Novo Cemitério Judaico de Praga, não há o seu nome religioso (que denuncia o afastamento parcial das tradições). Há a citação de um versículo bíblico, primeiro em hebraico e depois em checo, que resumiu a sua visão de mundo:

“*Kdo jest moudry aby to pochopil rozvazny aby to poznal* [Quem é sábio compreenda isto, quem é inteligente reconheça-o]” (Oséas 14:10).

Conclusão

A percepção vinda desta leitura é que Vilém Flusser viu em Romy Fink o que tinha dentro de si. Era um judeu intelectualizado, mas, também provinha de Praga, terra do Golem,

⁷“Cultura cristã-nova” é como denominei o conjunto de crenças e práticas clandestinas, formada por orações, pragas, jejuns e regras alimentares, desenvolvidas dentro de grupos endógamos de origem judaicos-ibéricos, em Portugal e no Brasil, convertidos forçadamente do Judaísmo no século XV. V. VALADARES, Paulo. *A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX*. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2007.

autômato que teria sido construído e “vivificado” através de rituais cabalísticos pelo rabino Judah Loew ben Bezalel (c. 1520-1609), rabino conhecido entre os judeus como o *Maharal* (acrônimo de *Moreinu haRav Loew*, Nosso Mestre, o rabino Loew), da semente de *David HaMelech* (o rei David). Há descendentes do célebre rabino no Brasil como a *rebbetzin* (esposa de um rabino) Reitza Beer, *née* Halberstam, de S. Paulo.

Se fosse uma comédia encenada por uma dupla de humoristas, o personagem Romy Fink seria o “escada”, provocando temas para Vilém Flusser desenvolver no texto, encontrando assim o judeu real, numa escala de observância que vai do assimilado ao místico. Ambos são de origem asquenase e de casta Israel, com rabinos na parentela, mas de famílias atingidas pela *Haskalah* (Iluminismo Judaico). O movimento cultural que introduziu os judeus urbanizados e germanizados ao modo de vida Ocidental. Portanto são muito parecidos. O diálogo literário mostra as concepções dos grupos.

O propósito de Flusser não foi apenas biografar um personagem interessante, mas, apresentar a essência de um modo de vida, cuja face mais visível é uma religião milenar. Para dar a noção da neutralidade de sua intervenção, e explorar estas “descobertas” junto ao leitor, declarou-se afastado do Judaísmo, mesmo que isto fosse apenas um recurso literário. “*Sou judeu, e a expressão 'ano que vem em Jerusalém' acompanha-me desde minha infância*” (Flusser 2007: 221), confessou Flusser páginas adiante. Algo esperado numa família onde se encontram judeus ortodoxos, como o seu trisavô materno, rabino Menahem Kornfeld, falecido em 1883, ou mais proximamente no tempo, primos, como o conhecido erudito israelense David Flusser (1917-2000), especialista nas raízes judaicas do Cristianismo, que cumpriu o voto de viver na Terra Prometida. A continuidade do Judaísmo na família aparece também no *siddur* (livro de rezas) materno que ele levou para o exílio. Casou-se com mulher judia e praguense, Edith Barth, teve filhos judeus, portanto. A enumeração desta relação com o Judaísmo poderia continuar, mas isto já é o suficiente. Se, Flusser, teve êxito no seu trabalho, espero ter cumprido o objetivo de apresentar o personagem histórico, já que o filosófico tinha sido feito.

Bibliografia

Fontes não impressas

- Fink, Cerlina. *Ficha consular de qualificação*, 6 de março de 1959. Em: Arquivo nacional, R.J.
 Fink, Moses Aron. *Ficha consular de qualificação*, 13 de abril de 1939. Em: Arquivo nacional, R.J.
 Fink, Romy. *Ficha consular de qualificação*, 16 de setembro de 1959. Em: Arquivo nacional, R.J.
 Flusser, Vilém. *Ficha consular de qualificação*, agosto de 1940. Em: Arquivo nacional, R.J.
 Kafka, Alexander Franz Xaver. *Ficha consular de qualificação*, 23 de julho de 1940. Em: Arquivo nacional, R.J.
 Karpfen (Carpeaux), Otto. *Ficha consular de qualificação*, 25 de julho de 1939. Em: Arquivo nacional, R.J.

Fontes impressas

- Anúncio (2004), em: *O Estado de S. Paulo*, 29 de junho, p. A5.
 “Heróis civilizadores” (1992). em: VEJA, S. Paulo: Editora Abril, 09 de dezembro, pp. 118-9.
 Dantas Mota (1988): *Elegias do País das Gerais – Poesia Completa*. Rio de Janeiro: José Olympio.
 Flusser, Vilém (2007): *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. S. Paulo: Annablume.
 Mendes, José Sacchetta Ramos (2003): “*Judeus nos municípios paulistas no século XX*”. Em: *Vértices*, pp. 9-38. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
 Milgram, Avraham (1994). *Os judeus do Vaticano. A tentativa de salvação de católicos-não-arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*. Rio de Janeiro: Imago.
 Valadares, P.; Faiguenboim, G.; Niels Andreas (2009): *Os primeiros judeus de S. Paulo. Uma breve história contada através do Cemitério Israelita de Vila Mariana*. S. Paulo: Fraiha.